

O «PROBLEMA» DA INTERPRETAÇÃO DE DELFIM SANTOS*

Actualização do seu notável artigo de 1989, "O Pensamento Filosófico de Delfim Santos" (separata de *Itinerarium*, Braga, ano XXV), o livro agora editado por Maria de Lourdes Sirgado Ganho pode ser considerado, pela sua condensação em 79 páginas e pelo seu perfil generalista, como uma das melhores obras sobre Delfim Santos até hoje publicada e uma óptima introdução ao pensamento filosófico deste autor.

Dos discípulos de Leonardo Coimbra, é Delfim Santos quem levará mais longe o seu empenho universitário e académico, tendo frequentado, como bolseiro, o "Círculo de Viena", convivido com Schlick, assistido às aulas de N. Hartmann, em Berlim, e de Moore, em Cambridge, tornando-se um dos primeiros pensadores a trazer para Portugal os estudos do neopositivismo lógico, que, no entanto, fiel ao impulso ontológico de Leonardo Coimbra, criticará no seu relatório de bolseiro à Junta de Educação Nacional, em 1938, intitulado *Situação Valorativa do Positivismo* (in Delfim Santos, *Obras Completas, I, Da Filosofia*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1982, pp. 51-195; doravante *OC.*).

Oriundo do evangelismo cristão, Delfim Santos teve uma esparsa intervenção política, integrado no grupo da "Renovação Democrática", em 1932, grupo apostado na regeneração e no revigoração da democracia, sem os intriguismos partidários da I República. É uma, entre várias, das tentativas de purificação da democracia durante o período de Ditadura

* Maria de Lourdes Sirgado Ganho, *O Essencial sobre Delfim Santos*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2002.

Militar. Porém, logo em 1933, com o plebiscito à nação organizado por Salazar, instaurador do Estado Novo, todos estes grupos acabarão por se diluírem ou no movimento oposicionista ou nas próprias estruturas do fascismo. Escreve então Delfim Santos: *Não somos, portanto, democráticos no sentido corrente, porque democrata e republicano já perderam o significado original e o seu sentido ideológico primitivo. O termo republicano foi o primeiro a perder o sentido para ficar sendo sinónimo de antimonárquico. Todo o seu sentido ideológico desapareceu para se cristalizar num anti. O mesmo está sucedendo ao termo democrata. Há quem suponha que ser democrata é também ser anti: anticlerical, antiditadorial, anti-integralista e agora antinacionalista-sindicalista. Mas isso não basta. Ser democrata é a afirmação de um conteúdo positivo de ideias que se opõem a outras, mas que não devem a sua existência à pura oposição a realidades transitórias e temporais. E todas as atitudes negativas só têm uma consequência: afirmar a realidade daquilo que pretendem negar. Ser democrata não pode ser só isto: uma atitude de negação e oposição. Eis porque somos democratistas e porque valorizamos outros métodos e processos. Antes de sermos oposição, somos afirmação e por isso nos esforçamos por dar à política portuguesa uma nova orientação dentro de um nacionalismo corrente e sério de solidariedade e não de luta; de compreensão e não de ódio.* (Delfim Santos, "Democratismo" – 1933 -, in *OC.*, pp. 41-42).

Esta posição de Delfim Santos, uma atitude **ética de não-ruptura**, uma ética de conciliação entre opostos, diferentemente da de seu mestre do Porto, pensador de grandes rasgos confrontativos, caracterizará e orientará toda a ideologia do autor, seja política, seja filosófica, seja cultural. Em 1933, a afirmação da necessidade de uma pureza democrática sem o carisma militante de luta prosélita contra a Ditadura Militar,

como o vinha imprimindo Câmara Reis, Raul Proença e António Sérgio em a "Seara Nova", ou seja, a afirmação de uma ética de não-ruptura face a uma situação política em todos os sentidos extremista evidenciava-se como impossível de realizar no seio de um regime caracterizado pela dureza da repressão, que prendia e exilava os opositores, como acontecerá com António Sérgio e Raul Proença, exilados para Paris e, depois, Madrid. E, de facto, rapidamente Delfim Santos abandona a luta política e parte para Viena de Áustria.

Paralela à sua frustrada intervenção política, Delfim Santos escreveu um artigo para a «Presença» (nº 39, 1933, in *OC.*, pp. 31 – 38), «Dialéctica Totalista», onde temos dificuldade em separar o que é inspiração de Leonardo Coimbra e o que são ideias do próprio Delfim Santos. E aqui começa o problema da interpretação da obra deste autor, aliás, bem expresso no trabalho de Maria de Lourdes Sirgado Ganho – o de separar o que é próprio das influências do que lhe é especificamente pessoal. Sem dúvida que é pessoal a interpretação crítica que faz do neo-positivismo lógico no relatório supracitado e, do ponto de vista histórico, lamentamos que, em vez de ter regressado à Alemanha como leitor de Cultura Portuguesa, Delfim Santos não tivesse ingressado na Universidade de Coimbra, como era seu desejo, leccionando criticamente o que aprendera no estrangeiro e assim contribuindo para a criação de um sólido e amplo leque de alunos, futuros professores do ensino secundário, interessados na problemática da filosofia inglesa e alemã do princípio do século xx, leitores filosoficamente actualizados que escapassem mentalmente tanto à filosofia nacionalista quanto à filosofia marxista, *Janus biface* que marcará a cultura filosófica portuguesa até cerca de 1980, radicalizando-a. Foi historicamente uma oportunidade perdida.

Talvez possamos sintetizar a crítica de Delfim Santos ao neo-positivismo lógico a partir

da seguinte citação: *O problema do sentido* (no neo-positivismo lógico, nosso), e as dificuldades que consigo traz, deve a sua complexidade à falta duma relação comensurável entre contínuo e descontínuo, entre todo e parte. O enunciado é portador de sentido, mas a análise do enunciado destrói este; é possível a análise lógica e por consequência a atomização do enunciado, mas o sentido é rebelde e refractário a tal análise. Concluir da expressão para o sentido nada significa. O atomismo (lógico, isto é, a análise do sentido pela decomposição do enunciado ou frase nos seus elementos mínimos, nosso) tem limites além dos quais não poderá ir sem desfigurar completamente os problemas que dizem respeito ao que está para além dos seus limites. A refutação do atomismo, porém, nada significa. (...) A crítica ao atomismo psicológico, feita inúmeras vezes, e a crítica ao atomismo sociológico, com a sua noção última de indivíduo e a impossibilidade de compreensão do «social» a partir do indivíduo, têm a mesma pretensão: mostra o ilegítimo uso duma noção que ultrapassou os seus limites de validade (D. Santos, *A Situação Valorativa do Positivismo*, in *O. C.*, I., p. 177). Sendo pessoal na terminologia em que é proposta, esta crítica, a crítica do sentido do todo face às partes constituintes, tendo em conta que qualquer corrente filosófica mostra o ilegítimo uso duma noção que ultrapassou os seus limites de validade conceptual, é, porém, de clara inspiração leonardina. E aqui retomamos o citado problema – é que leiamos o que lermos de Delfim Santos, é difícil separar o que lhe é próprio do que lhe é inspirado, em traços gerais, em Leonardo Coimbra ou em N. Hartmann, numa primeira fase, e, posteriormente nos diversos estudos existencialistas, mas principalmente nos de Heidegger de *Introdução à Metafísica* e de *O Ser e o Tempo*. Desde «Dialéctica Totalista» até às suas últimas intervenções em artigos de jornal e de revista, ao longo da década de 40, existe a sombra de um

espírito leonardino que como que se estatui enquanto chave de leitura do pensamento de Delfim Santos, seja pela positiva, quando é referido como crítica ao neo-positivismo de então, ao positivismo comtiano do século XIX ou ao primado da ciência sobre a filosofia, seja pela sua ausência enquanto conceito que completaria o vértice do pensamento de Delfim Santos e que este, conscientemente, recusa – o conceito de «Todo»: pensar a realidade, o conhecimento, o homem, a matéria, a vida, a ciência, a religião, a cultura, só faz sentido se se pensar o homem como um todo ou, para além do homem, o ser como um todo, não privilegiando vertentes materialistas ou idealistas, empiristas ou racionalistas, corpo ou pensamento, mas integrando-os numa dialéctica ascensional que apenas se entende plenamente pela unificação da totalidade experiencial, emotiva e racional do homem. Ou seja, a filosofia aqui apresentada deste modo, como uma filosofia do todo, é indubitavelmente a ossatura da filosofia de Leonardo Coimbra, embora sem as aprofundadas análises científicas por este desenvolvidas, sem a sua retórica estilística de carácter lírico e, sobretudo, sem a assunção de um nome concreto para este «todo» metafísico (Deus) – e este é verdadeiramente o problema da interpretação da obra de Delfim Santos: lendo Delfim Santos não nos abandona a sensação que estamos a ler um Leonardo Coimbra tornado académico, envergonhado do arroubio lírico das palavras, um Leonardo Coimbra a escrever sob o austerismo, o rigor e o pudor do Estado Novo. Mais: um Leonardo Coimbra que, sendo religioso, tivesse vergonha de usar a palavra filosófica «Deus» como ideia sinónima de Todo. Estudando os comentadores de Delfim Santos, conclui-se rapidamente que o problema de interpretação da sua obra é comum a todos. Por exemplo, as duas exegetas mais consideradas sobre a obra de Delfim Santos, Cristiana de Soveral Paszkiewicz e Maria de Lourdes Sigardo Ganho,

aliás, as únicas autoras exteriores ao círculo, sempre suspeito de parcialidade, dos discípulos e discípulos dos discípulos de Leonardo Coimbra que escreveram sobre Delfim Santos, embora usem a diplomacia própria de universitárias, não deixam de assumir o mesmo **problema**. Lendo o óptimo livro de Maria de Lourdes Sirgado Ganho em apreciação, lá encontramos bem explícito, embora cautelosamente, a influência da arquitectónica da filosofia leonardina na obra de Delfim Santos: *De um modo sintético, podemos, então, considerar que Dialéctica Totalista nos dá o movimento de uma dialéctica ascensional, tal como Leonardo Coimbra a apresentou no seu Criacionismo que conduz à noção de realidade humana, enquanto pessoal, livre e coexistencial colocada no topo do movimento dialéctico, mas englobante do concreto, isto é, filosofia integral do homem e da sociedade. O homem como pessoa, dotado de liberdade como momento de auto-realização humana, é a evidência a que conduz o filosofar, que em ambos, e isso é bastante significativo, se desenvolve a partir da matriz existencial. E eis-nos perante outra influência de Leonardo Coimbra sobre Delfim Santos. Leonardo Coimbra (...) apresenta-nos já uma concepção de filosofia em que o espírito do sistema (o que acima designámos pelo conceito de «Todo», nosso), presente na primeira fase do seu pensamento (...), foi abandonado a favor do dinamismo e da vitalidade da reflexão existencial. Ora, esta importância dada à existência, como um terreno a explorar, também é decisiva em Delfim Santos e são inúmeros os textos que comprovam esta afirmação. (Maria de Lourdes Sirgado Ganho, *O Essencial* ..., p. 48, sublinhados nossos). E, mais à frente: *Contudo, de entre todos os seus (de Delfim Santos, nosso) textos elegemos um, que não se situando ao nível do comentário filosófico, antes da especulação criativa, se insere claramente na lição da filosofia alemã que frequentou, a saber, Filosofia como Ontologia**

Fundamental. *Aqui é clara a influência de N. Hartmann, quer pela tematização que apresenta, quer pelo horizonte metafísico que traça. (Ibidem, p. 51, sublinhado nosso).*

O que, em síntese, acabámos de ler nestes dois textos? Que, em Delfim Santos, o **todo** da inspiração nasce da filosofia de Leonardo Coimbra e que a **relação do par conceptual ontologia-óntico** (ou seja, a relação das partes entre si) nasce da inspiração hartmanniana. Finalmente, segundo a mesma autora, um dos textos fundamentais de Leonardo Coimbra, *Das Regiões da Realidade* (in *OC.*, I, pp. 267–273) cruza a influência leonardina com a de Hartmann: *Das Regiões da Realidade é um outro texto que, em nosso entender, constitui uma referência obrigatória relativamente a uma hermenêutica do pensamento do nosso autor. Além disso, e na estratégia do nosso discurso, esta sua reflexão é exemplificativa da afirmação, já feita por nós, de que se dá em Delfim Santos o encontro da influência leonardina e alemã. (Ibidem, pp. 51 – 52).* De facto, este texto, *Das Regiões da Realidade*, escrito em Berlim em 1937, mas só publicado em 1939, na revista «Prisma», e o texto *Da Filosofia*, igualmente escrito em Berlim no mesmo ano, mas também só publicado em 1939, com nota introdutória desta data, perfazem, em conjunto com a tese de doutoramento de 1940, *Conhecimento e Realidade*, o ciclo dos grandes textos filosóficos de Delfim Santos, abrindo-se de seguida a fase da publicação de artigos onde se denota o pendor existencialista.

Outra comentadora de Delfim Santos, Cristiana de Soveral Paszkiewicz, também não hesita em escrever: *A ontologia regional do filósofo (Delfim Santos, nosso) é similar da de N. Hartmann, e, tal como a deste, problematiza a unidade do Ser. Para Delfim Santos, a filosofia não é a busca das essências (objectivas da realidade, nosso) como não o era para Hartmann. (Cristiana de Soveral Paszkiewicz, «A Filosofia*

em Delfim Santos: Trajectória de um Pensamento», in *História do Pensamento Filosófico Português, O Século xx*, Vol. V, T. 1, direcção de Pedro Calafate, Lisboa, Caminho, p. 427). De facto, desde que regressa da sua primeira estada na Alemanha, em 1937, o termo «região» do conhecimento e da realidade faz parte constitutiva da terminologia filosófica de Delfim Santos. Logo no seu primeiro grande trabalho filosófica, *Situação Valorativa do Positivismo*, escreve Delfim Santos enfatizando – o que permanecerá como uma invariante do seu pensamento filosófico – a impossibilidade de um conhecimento absoluto de carácter ontológico (diria Hartmann) ou metafísico (diria Leonardo Coimbra): *Conhecer é um esforço de “objectivação” da realidade, mas esta é gigantescamente mais vasta do que a região que o conhecimento tem possibilidade de objectivar dada a não-conformidade dos princípios do conhecimento e dos princípios do Ser* (Delfim Santos, «*Situação Valorativa do Positivismo*», in *OC.*, I, p. 180, sublinhado nosso). Está assim definida, logo no primeiro grande texto filosófico de Delfim Santos, a contradição entre gnoseologia e ontologia que definitivamente marcará o seu pensamento, inclusive a sua tese de doutoramento de 1940, e que marcará toda a arquitectónica conceptual de *Da Filosofia*. Ou seja, Delfim Santos recusar-se-á sempre a postular como vértice da sua filosofia o conceito que permitiu a Leonardo Coimbra fechar o seu sistema filosófico – Deus, não o Deus religioso da liturgia, este só *teria* validade para Leonardo Coimbra após a sua conversão ao catolicismo, em 1934, mas o Deus-forma, o Deus-ideia, o Deus-essência, o Deus conceptualmente infinito e amoroso como ponto nodal do criacionismo, ou seja, como exigência da razão. Como Delfim Santos recusa esta ideia filosófica do seu mestre do Porto, não terá outra hipótese conceptual senão aceitar outra ideia do seu mestre de Berlim: dividir o Ser em esferas ou regiões (matéria, vida, consciên-

cia e espírito), erguendo para cada uma destas regiões óticas uma categoria central (a causalidade na matéria, a finalidade na vida, a intencionalidade na consciência e a liberdade no espírito). Em grosso, é a filosofia de Leonardo Coimbra cruzada com a filosofia ontognoseológica de Hartmann.

Dois anos depois de *Situação Valorativa do Pensamento*, em *Da Filosofia* (o corpo deste livro é de 1937, mas, como acima referimos, a nota introdutória é de 1939), Delfim Santos esclarece o seu pensamento: *Trata-se* (o livro *Da Filosofia*, nosso) *da primeira parte de uma trilogia; a segunda deverá aparecer com o título «Do Homem» e mostrará concretamente um ensaio de antropologia filosófica, como consequência de princípios que esta enuncia; a terceira parte intitular-se-á “Da Metafísica”. Considerando estes títulos, notar-se-á que distinguimos entre filosofia e metafísica. Duma maneira sucinta, mas talvez sugestiva, poderemos situar a metafísica relativamente a outros planos de conhecimento da seguinte maneira: enquanto a fenomenologia da matéria tem como sistematização do seu conhecimento a física e as ciências afins, a fenomenologia da vida a biologia e as ciências similares, a fenomenologia da consciência a psicologia, tem a metafísica como «objecto» a fenomenologia do espírito. Temos assim ontologicamente situados os «sistemas de conhecimento» e as respectivas «regiões» da realidade a que eles dizem respeito* (Delfim Santos, «*Da Filosofia*», in *OC.*, I, p. 221). Deste modo, Delfim Santos evidencia, em 1939, ter plena consciência da radical incompletude dos seus estudos filosóficos e anuncia um futuro «Do Homem» e um futuro «Da Metafísica». Sobre aquele, não duvidamos que o seu conteúdo solidificar-se-ia em torno dos diversíssimos estudos de Delfim Santos sobre o existencialismo, embora esta não constitua propriamente uma «psicologia». De facto, à glória histórica de poder reclamar para si, junto com Abel Salazar,

o pioneirismo dos estudos sobre o neopositivismo lógico em Portugal, igual glória pode reclamar de ter sido um dos primeiros filósofos portugueses a expor o pensamento existencialista em várias das suas vertentes, de Gabriel Marcel a Yaspers, de Sartre e a Heidegger. Suprirá esta sua divulgação do existencialismo a «antropologia filosófica» que anunciou mas nunca escreveu? Como Maria de Lourdes Sirgado Ganho o afirma, no capítulo «A Preocupação pela Existência» (p. 55 ss.), o existencialismo, enquanto tematização do conjunto de existenciais, como símiles de categorias epistemológicas, embora aplicadas à vida humana concreta e emotiva, parece preencher o desiderato filosófico de Delfim Santos. De facto, para além de novidade e de moda europeia, o existencialismo tende a dar corpo, no século xx, a um pensamento céptico de raiz post-kantiana como o de Delfim Santos, onde a realidade noumênica não só escapa ao conhecimento como, inclusive, escapa ao domínio causalístico da objectividade da acção humana. Neste sentido, o texto «Sentido Existencial da Angústia», de 1952, (in *OC.*, II, pp. 153–165) é bastante elucidativo: Delfim Santos escreve como se partilhasse a teoria heideggeriana e sartriana que vai explicando, o que não acontece com o texto «Temática Existencial» (in *OC.*, II, pp. 79–85), muito mais neutro, considerando até o autor, nos seis parágrafos iniciais, que nos encontramos face a uma *filosofia de determinada época*, embora esta, como todas filosofias, tenha como *antecedente o esforço total do filosofar de todas as épocas anteriores*; assim, continua Delfim Santos, *o existencialismo é mais um momento digno de registo na compreensão do homem tentada pelo próprio homem* (p. 80). No entanto, comparativamente, não podemos deixar de sublinhar que se a teoria existencialista lhe caiu bem, em parte se deverá justamente à ausência de estudos de Delfim Santos sobre o homem e a metafísica, já que tanto António Sér-

gio como Vieira de Almeida, conhecedores do existencialismo, nunca apadrinharam esta corrente: como que o existencialismo supre o que Delfim Santos queria escrever (e anunciou) mas não escreveu.

Porém, vista a sua teoria como um todo, o que se evidencia fortemente em Delfim Santos é a ausência do seu anunciado terceiro livro, «Da Metafísica». Caso este livro tivesse sido escrito, tirar-nos-ia as dúvidas sobre a fidelidade de Delfim Santos às linhas gerais do pensamento de Leonardo Coimbra ou à sua tardia distanciação, como aconteceu com José Marinho ao publicar *Teoria do Ser e da Verdade*, em 1960.

Lendo os três volumes da obra completa de Delfim Santos, arriscamos a hipótese que a **fortíssima originalidade** do pensamento deste autor se concentrou no seu pequeno livro *Da Filosofia*. É em *Da Filosofia* que encontramos não só uma súpula, se assim se pode dizer, da sua filosofia, como é aqui que retira todas as consequências da teoria das «regiões da realidade» e da incognoscibilidade do ser. Lamentavelmente, ainda não foi feita uma exposição completa das teses de *Da Filosofia*, já que ele constitui não só uma espantosa introdução ao pensamento filosófico em geral, como traz importantes apertações para o pensamento filosófico em Portugal na primeira metade do século xx. O sentido cultural de *Da Filosofia* encontramos-lo tanto no cepticismo gnoseológico de Delfim Santos, tendo em conta ter sido discípulo directo de um filósofo tão conscientemente optimista como Leonardo Coimbra, quanto na permanente incapacidade de Delfim Santos em dar corpo a uma metafísica anunciada. Porém, cultural e politicamente os tempos já não eram os de Leonardo Coimbra de 1912, quando escrevera *O Criacionismo*. Estes tinham sido os tempos gloriosos da «Renascença Portuguesa», os tempos da adesão leonardina ao Partido Republicano Português e à iniciação

maçónica, os tempos da fraternidade com Teixeira de Pascoais. Agora, quando Delfim Santos escreve o *Da Filosofia* (1937), são os tempos da Guerra Civil de Espanha e da preparação da invasão nazi da Checoslováquia, Polónia e da Áustria, os tempos da censura e da prisão – como poderia Delfim Santos terminar o artigo «Ideário Contemporâneo» (1943) senão com um ponto de interrogação; como poderia ele manifestar fé no coração humano e no progresso ascendente que o seu mestre mostrara se agora era tanto o tempo dos pelotões de fuzilamento na praça de toiros de Badajoz quanto a da expulsão das ordens religiosas de Espanha? Por isso, a palavra essencial (e original face a Leonardo Coimbra) em *Da Filosofia* é **aporia**: **aporia** entre conhecer e ser, **aporia** entre ciência e filosofia, **aporia** entre idear e realizar, **aporia** entre razão e emoção, **aporia** entre verdade e certeza, **aporia** entre sujeito e coisa. Como o afirma categoricamente Delfim Santos, não se trata de um relativismo ou de um indiferentismo face a diversas *weltanschauungs*, mas de assombro, de espanto, de perplexidade face ao leque de antinomias essenciais nunca resolúveis pelo conhecimento filosófico – o **coração da filosofia é aporético**, o que significava, culturalmente falando, nas décadas de 30 e 40, que o homem português estava, na óptica de Delfim Santos, sem alternativa. É este o significado essencial da obra de Delfim Santos para a cultura portuguesa entre 1930 e 1945 – o de evidenciar que não havia então saída maior para a existência humana entalada brutalmente entre fascismos e nazismos de um lado e, de outro, a força avassaladora do comunismo que explodia da União Soviética de Estaline.